

Uma leitura de *O Primo Basílio* e *Os Maias* através do espaço

Márcia Froehlich[©]

Résumé[©]

Ce travail a pour but de comparer la situation dans l'espace de deux ouvrages de Eça de Queirós: *O Primo Basílio* (1878) et *Os Maias* (1888), qui appartiennent à la phase réaliste de cet écrivain.

Dans le premier livre, l'auteur avait l'intention de critiquer la bourgeoisie portugaise au travers du thème de l'adultère. Ce roman se déroule entièrement dans un contexte urbain. Il a pour protagonistes deux personnages féminins: Luísa, l'épouse infidèle, et Juliana, la servante qui fait du chantage. L'action se situe pour l'essentiel dans la résidence d'un couple bourgeois. La prédominance de cet espace traditionnellement féminin qu'est la maison, souligne la lutte pour le pouvoir entre la patronne et la servante.

Dans *Os Maias* qui aborde le thème de l'inceste, les lieux de l'action se diversifient: les espaces sont ruraux, urbains, publics et privés. Les protagonistes, Carlos da Maia et Maria Eduarda, frère et soeur sans le savoir, deviennent amants et se meuvent entre ces espaces. La résidence de la famille Maia y a une grande importance symbolique. Elle représente la tradition et les origines aristocratiques des Maias.

Resumo

Este estudo visa efetuar uma comparação entre a ocupação espacial dos protagonistas em dois romances do escritor Eça de Queirós: *O Primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888), pertencentes à fase realista do romancista.

O primeiro romance, que tencionava criticar a burguesia lisboeta através da temática do adultério, caracteriza-se por ser puramente urbano. É protagonizado por duas personagens femininas: Luísa, a patroa infiel, e Juliana, a criada chantagista, centrando-se a ação na residência do casal burguês, espaço tradicionalmente reservado às mulheres. A predominância do espaço doméstico sobre os demais ressalta a disputa de poder entre patroa e criada.

Já em *Os Maias*, que aborda o tema do incesto, os espaços da ação diversificam-se, ampliando-se do privado ao público, do urbano ao rural. Os protagonistas, Carlos da Maia e Maria Eduarda, irmãos que, sem o saberem, se tornam amantes,

movimentam-se por esses espaços. A residência dos Maias surge como uma poderosa referência, mais do que como cenário da ação. Ela representa a tradição, a estirpe aristocrática da família.

Na presente análise, procurou-se observar as relações entre o espaço e o seu valor metafórico em dois romances do escritor português Eça de Queirós: *O Primo Basílio* e *Os Maias*. Ambos pertencem à denominada fase realista do romancista, fazendo parte do projeto queirosiano "Cenas da vida portuguesa", no qual o autor pretendia pintar um amplo painel da sociedade portuguesa de sua época e assim apontar-lhe os seus vícios.

O Primo Basílio, publicado pela primeira vez em 1878, é um romance de tese, cuja intenção era criticar a burguesia portuguesa, atacando uma de suas instituições fundamentais: o casamento. Através do tema do adultério, são desveladas as mazelas da classe média lisboeta, sua falta de consciência moral e a hipocrisia das relações sociais.

Pode-se resumir a trama do romance da seguinte maneira: Luísa e Jorge formam o típico casal da burguesia lisboeta. Jorge, funcionário público, viaja a trabalho para o interior de Portugal. A esposa, entediada, envolve-se com o primo Basílio, recém chegado de Paris. Instaurado o triângulo amoroso, surge a criada Juliana, que, encontrando cartas trocadas entre os amantes, passa a chantagear a patroa, ameaçando entregar as provas da traição a Jorge.

Com o retorno deste e a partida de Basílio, Luísa se vê numa situação desesperadora. Não suportando mais as exigências crescentes de Juliana, ela recorre a Sebastião, leal amigo do casal, que enfrenta a criada e recupera a correspondência dos amantes. Juliana, enfurecida, sofre um ataque cardíaco e morre. Luísa adoece logo depois, vindo a falecer.

O Primo Basílio apresenta o predomínio absoluto do espaço urbano, transcorrendo inteiramente em Lisboa. Dentro desta cidade, os

[©] Aluna do Curso de Graduação em Letras, UFSM, integrante do projeto A Formação do Leitor de Literatura Portuguesa, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Sílvia Paraense.

ambientes representados são inúmeros: as ruas, o quarto de aluguel tomado por Basílio para seus encontros com a prima (ao qual os amantes denominam "Paraíso"), a casa de Sebastião, etc. Ressalta-se, entretanto, que a narrativa desenrola-se principalmente na residência do casal pequeno burguês. Observando-se o subtítulo "Episódio Doméstico" dado à obra, pode-se deduzir daí a esfera à qual a trama se vincula: "doméstico" origina-se do latim *domus*, -us, que significa casa, lar, ou seja, um espaço tradicionalmente feminino. De fato, as duas protagonistas do romance são personagens femininas: patroa e criada.

A casa de Jorge e Luísa apresenta-se subdividida em dois andares: em cima, a cozinha, o quarto dos engomados, o sótão, enfim, o espaço de Juliana – pobre, pequeno, desconfortável –; no térreo, a sala, o quarto do casal, o quarto dos baús, os corredores, ou seja, o espaço de Luísa. Os demais espaços presentes no romance, como, por exemplo, o Paraíso ou as ruas lisboetas, também se apresentam, inicialmente, dominados pela patroa. É ela que se movimenta por eles, interagindo com as demais personagens.

Juliana, até entrar em conflito com a senhora, tem seu ambiente dentro da casa restrito à cozinha, ao quarto dos engomados, ao quarto de Joana, a cozinheira, e ao seu próprio aposento. Sua presença no espaço de Luísa se dá somente dentro de suas atribuições de serviçal.

O confronto com a patroa e a deflagração da chantagem alterará progressivamente essa ocupação do espaço. Com a inversão dos papéis entre patroa e criada, observa-se a invasão do espaço de Luísa por Juliana, marcada principalmente pela mudança do seu quarto, que se instala dentro do domínio da senhora. A situação também se modifica em relação aos espaços externos: enquanto Juliana sai com uma frequência cada vez maior, Luísa cada vez mais permanece na residência. No entanto, mesmo dentro da sua casa, que deveria protegê-la, sente-se agredida, ameaçada, e isola-se em seu quarto:

Refugiava-se então no amor de Jorge como na sua única consolação. A noite trazia-lhe a sua desforra: Juliana a essa hora dormia; não via a sua cara medonha; não a receava; não tinha de a elogiar; não trabalhava por ela! Era ela mesma, era Luísa, como dantes! Estava na sua alcova, com o seu marido, fechada por dentro, livre! Podia viver, rir, conversar, ter até apetite! E trazia com efeito às vezes marmelada e pão para o quarto – para fazer uma ceiazinha! (Cap. X, § 145).

O domínio da criada sobre a casa chega ao seu dímex com a demissão da cozinheira: Luísa já não é a

senhora nem mesmo aparentemente. Porém, logo em seguida, ocorre a intervenção de Sebastião, para a restituição dos devidos papéis. Para isso, enquanto Jorge e Luísa vão ao teatro, ele dirige-se à casa dos amigos, onde Juliana encontra-se sozinha, senhora absoluta do espaço. Do confronto com a serviçal, Sebastião sai vitorioso, obtendo as cartas. Juliana, sabendo-se desmascarada, falece.

Mesmo depois de morta, porém, é a criada que domina o espaço até o dia seguinte, pois as demais personagens preferem passar a noite na residência de Sebastião. Logo após, Luísa adoece e também morre. Com a morte das duas protagonistas, a casa é abandonada.

Enfim, observa-se que há, em *O Primo Basílio*, uma radical transformação na ocupação do espaço pelas protagonistas da obra. Esta transformação é decorrente da disputa pelo poder que se instaura entre Luísa e Juliana. Assim, os espaços e a possibilidade de movimentação por eles são dominados por quem detém o poder: primeiramente a patroa e após a criada.

Os Maias, escrito em 1880, mas publicado apenas em 1888, é o terceiro romance realista do escritor português, considerado por muitos como a sua obra-prima. Esta obra, no entanto, apresenta um certo recuo ideológico por parte de Eça, que já demonstra abandonar a crença cega na cultura urbana e o tom combativo que imprimiu a seus romances iniciais. Ao abordar a aristocracia portuguesa, através da história da família Maia, o romancista realiza uma análise de costumes menos áspera que em *O primo Basílio* e, mesmo quando critica essa classe (sua ociosidade excessiva, sua luxúria), o faz com certa simpatia, denotando uma adesão que se acentuará em sua produção posterior.

A trama do romance centra-se em Carlos Eduardo da Maia, jovem médico rico, nobre e promissor. Criado pelo avô paterno após o suicídio do pai desesperado pelo abandono da esposa, Carlos instala-se em Lisboa depois de formado em Medicina por Coimbra. Cheio de grandes planos, que não chegam a concretizar-se, termina por envolver-se com uma bela mulher, Maria Eduarda, da qual pouco se sabe. Ao fim, descobre-se que é a irmã de Carlos levada pela mãe quando ainda criança. Mesmo atordoado pela notícia, ele mantém o relacionamento incestuoso, só revelando a verdade à amante depois da morte do avô, que não suporta a fraqueza de caráter do neto.

Em *Os Maias*, os espaços da ação diversificam-se, ampliando-se do privado ao público, do urbano ao rural. A ação, porém, concentra-se em Lisboa, centro sócio-político-cultural do país. É para esta cidade que Carlos dirige-se após o término de seus estudos em

Coimbra, provocando o regresso de seu avô, Afonso, retirado para o campo desde o suicídio do filho. Os espaços retratados no romance, os salões da nobreza, o Hotel Central, o *Jockey Club*; possuem a função de traçar um perfil da aristocracia portuguesa, sendo dominados pelo jovem médico e seus companheiros.

O universo rural, embora menos explorado na obra, apresenta-se como o grande contrapeso para a civilização urbana, representando os valores morais que esta perdeu. Tal como afirma Antonio Candido em *Tese e antítese*, o romance é construído sobre dois pólos: um urbano – Lisboa – e outro rural – a quinta de Santa Olávia. Segundo o ensaísta,

O eixo moral do livro é o contraste entre a vacuidade da superficialíssima civilização burguesa de Lisboa (...) e a vida reta, digna, saudável do velho Afonso da Maia, "simples beirão" cujo caráter "adquirira a rica solidez dum bronze velho". O romance se desenvolve em torno dessa oposição e, como num mau presságio que se realiza, acaba pela vitória da cidade sobre o campo, (CANDIDO, 1978, p.42).

Juntamente com a quinta de Santa Olávia, a residência dos Maias em Lisboa – o Ramalhete – surge como uma poderosa referência que perpassa toda a obra. Ambas representam a tradição, a estirpe aristocrática da família, e o seu acesso é restrito, sendo o seu espaço dominado pela figura do patriarca dos Maias, o velho Afonso. Enquanto o neto possui uma vida social intensa, movimentando-se por toda a Lisboa, o avô restringe sua presença a esses dois espaços. Dessa maneira, Carlos encontra-se sob a ação de duas forças opostas: a sedução da cidade e o apelo de suas raízes, que estão no campo. O Ramalhete apresenta-se, neste contexto, como um espaço híbrido, onde civilização urbana e tradição se unem.

A descrição do Ramalhete abre a narrativa do romance. A preparação da casa para ser ocupada pelos dois últimos membros da família Maia é apresentada da seguinte forma: primeiro, tem-se o relato de seu abandono, a descrição de sua fachada de "sombrio casarão de paredes severas", para, em seguida, relatar a reforma efetuada na residência. O casarão recebe em seu interior todo o luxo e o requinte do gosto do gentleman Carlos, mas conserva sua fachada intacta. Desse modo, apesar das modificações, o seu espírito permanece, bem como a sua maldição de residência fatal aos Maias, que paira no ar até concretizar-se na morte do patriarca.

Como o Ramalhete e Santa Olávia são espaços intimamente ligados à figura de Afonso da Maia, é possível observar o distanciamento de Carlos do avô através de seu afastamento desses espaços. À medida que o romance entre Carlos e Maria Eduarda evolui, mais o médico se afasta dos espaços simbolicamente ligados à estirpe. Assim, ele opta por permanecer em

Lisboa ao invés de passar o verão na quinta junto de seu avô. No entanto, não se mantém no Ramalhete, mudando-se para a quinta ocupada pela amante. O afastamento desses espaços físicos remete a um afastamento psicológico: Carlos idealiza o plano de fugir para casar-se com Maria Eduarda, pois acredita que seu avô não aceitará a sua união com uma mulher que possui um passado repreensível. Desse modo, o jovem tende a repetir a trajetória do pai, mas não chega a concretizá-la, porque é impedido pela fatalidade trágica que o torna amante de sua irmã.

Todavia, quando o peso maior da tragédia o atinge – a perda de seu avô –, Carlos busca o refúgio de Santa Olávia. Este espaço emerge como o único capaz de devolver-lhe a paz e de reconciliá-lo com Afonso, enquanto o Ramalhete volta ao estado de abandono original. Ao retornar para o campo, o médico deseja um reencontro com os verdadeiros valores do caráter português, que ele, como membro da aristocracia, deveria encarnar, mas dos quais se afastou demasiado em sua vida cidadina. Santa Olávia desempenha a função de reserva de energia moral, por isso é o espaço que possibilita a Carlos recuperar a superioridade de caráter inerente à sua classe social¹ e que fora degradada pelo incesto.

Observa-se, portanto, nos dois romances, a representação da casa como extensão da personagem que nela habita: em *O primo Basílio*, Luísa; em *Os Maias*, Afonso. Ambos representam a família: Luísa é a esposa, o esteio da unidade familiar burguesa; Afonso é o patriarca dos Maias, concentrando em si as virtudes da estirpe. A morte dessas personagens assinala a extinção das duas famílias, marcada simbolicamente pelo abandono das residências.

Referências bibliográficas

- 1 CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. "Entre campo e cidade". 3. ed. São Paulo: Nacional, 1978. (Coleção Ensaio)
- 2 DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994. (Série Princípios)
- 3 QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- 4 _____. *O primo Basílio*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- 5 REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Trad. Angela Bergamini [et. al.]. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Leitura e Crítica)

¹ Conforme a concepção ideológica defendida pelo autor.